

PERFIL / Ademir Juniooh

Mais um bamba a caminho do sucesso

Com apenas 21 anos, o saxofonista Ademir Juniooh, que tocou no show de Johny Alf na semana passada, já promete ser mais uma das grandes revelações da música brasileira

MARCELO ARAÚJO

Ele tem apenas 21 anos, mas já recebeu elogios de grandes artistas da música popular brasileira, como Rosa Passos, com quem tocou algumas vezes; e o saxofonista Carlos Malta, uma das grandes referências do som instrumental brasileiro. Nos palcos, divide frequentemente a cena com bambas de renome nacional e até internacional. Sua última performance impressionante aconteceu há uma semana, em uma participação especial no show do legendário cantor e pianista Johny Alf, no projeto *Temporadas Populares*. Johny o elogiou o show inteiro. Entusiasmado com seu desempenho, no camarim declarou: "Esse garoto é muito bom".

Estamos falando do brasileiro Ademir Juniooh, que apesar da pouca idade, se dedica à música há uma década. Tido como uma das boas revelações que despontaram no circuito da noite candanga, o garoto promete com seu instrumento para breve engrossar o coro dos músicos da cidade que emigram para o eixo Rio-São Paulo, acompanhando em shows e gravações estrelas da MPB.

Depois de Adriano Giffoni, Jorge Helder, Lula Galvão, João Bani, Nema Antunes, Marco Brito, Milton Guedes, Dunga, Sérgio Galvão, Erivelton Silva, MacWilliam, Periquito e tantos outros que começaram suas carreiras na Capital Federal, parece que chega a vez de Ademir Juniooh (na verdade Junior, mas segundo ele "existem muitos com esse nome na cidade", daí o acréscimo do "oooh" no lugar do "r"). "Só estou esperando uma oportunidade. Minha viagem era pra ontem. Na primeira chance que tiver, me mando", avisa.

Referências- Filho de Ademir, um clarinetista da banda da Polícia Militar, Juniooh desde criança tomou contato com as notas musicais. Aos onze anos passou a se dedicar à música, aprendendo lições iniciais com o pai e entrando posteriormente para as aulas do professor Gonzaguinha, da Universidade Brasília.

Dedicando-se ao estudo da teoria musical em sua casa, Ademir aproveitou com o professor toques práticos. Com o trompetista Moisés Paraibach, quem considera "um irmão", viu a abertura das portas do mundo do jazz, conhecendo o trabalho de mestres como sax tenor norte-americano John Coltrane. "O Paraibach me forneceu informações importantes a respeito do improviso no jazz", declara.

Diga-se de passagem, as audições dos mestres contribuíram bastante para o desenvolvimento do talento de Ademir Juniooh, conforme ele próprio admite: "Acho essencial ouvir e tirar os solos dos mestres. As referências são muito importantes. É uma ótima forma de você aprender. Com o tempo você desenvolve o estilo próprio. É como uma criança, que ouve as pessoas falando, imita e depois desenvolve um vocabulário próprio. O estudo também é importante. Quanto mais você dominar a técnica, mais facilidade você adquire para chegar ao ponto onde quiser".

Dentre as influências imediatas menciona os excepcionais John Coltrane, Miles Davis e Freddie Hubbard. Do território nacional menciona Idris Boudroua, francês radicado no Rio, e Victor Assis Brasil, "antes de qualquer outro nome". Lula Gal-



José Reis

Ademir Juniooh diz que é influenciado por John Coltrane, Miles Davis e Freddie Hubbard

vão, guitarrista e violonista da banda de Rosa Passos também é citado: "A criatividade do Lula me ajuda a ter inspiração".

Reconhecimento- Apresentando-se profissionalmente desde 93, Ademir Juniooh tocou com o guitarrista Kadu Lambach, com os baixistas Nico Assumpção, Arthur Maia e Arismar do Espírito Santo, com o trompetista Márcio Montarroyos e com mestres do sax como Mauro Senize e Widor Santiago, outro brasileiro que se projetou e hoje mora em Nova York, trabalhando na banda da cantora Flora Purim.

Feliz com os comentários positivos de Rosinha Passos e Carlos Malta, Juniooh declara: "Isso é importante como reconhecimento a tanto tempo de estudo. Porém, não posso deixar que isso suba a cabeça. O mais importante mesmo é continuar tocando."

Ademir deve entrar para a banda de Rosa Passos, conforme a própria baiana afirmou no recente show na Villa-Lobos. "Eu faço o que for preciso para tocar com a Rosa. A voz dela é maravilhosa. Não tenho palavras para descrever a emoção que sinto em poder trabalhar com ela", afirma.

Enquanto permanece na cidade, Ademir Juniooh conta que o principal "é continuar estudando e trabalhando". Dado que tanto para as gravações quanto para shows o restrito circuito instrumental brasileiro não oferece condições seguras de sobrevivência, Ademir buscou na conciliação da música e do serviço público a forma de garantir o sustento da esposa e da filha Leticia, de apenas 2 meses.

Rio- Em 96, ele prestou concurso para a banda do Corpo de Bombeiros, onde trabalha durante a manhã. "Eu estava de bobeira e apareceu a oportunidade. Fiz o concurso e passei. Eles pagam um ótimo salário para eu trabalhar apenas meio período, portanto sobra tempo para me dedicar a outras atividades musicais", explica.

Depois de se apresentar com Johny Alf, Ademir só viu crescer em si a vontade de emigrar para o Rio. "Se ele tivesse me chamado, teria pego o avião imediatamente", confessa. Para o brasileiro o maior problema para atuar em sua terra natal é a dificuldade em levar o trabalho adiante, a partir de um determinado momento. "É difícil entrar em acordo com os donos das casas noturnas. Também são poucos os espaços e o público é restrito. Uma hora, se você insiste em permanecer aqui, sua carreira acaba estagnando", reclama.

"Se você está no Rio e consegue emprego com um cantor, automaticamente arruma um jeito de gravar e levar o que faz para todo o Brasil", conta o saxofonista, que avalia suas futuras possibilidades, entre as quais uma excursão para Cuba com Moisés Paraibach.

Mas apesar das dificuldades, Ademir não deixa de enaltecer Brasília como um pólo gerador de novos valores musicais; como o contrabaixista André Vasconcelos, o bandolinista Hamilton de Hollanda e o próprio Paraibach. "Brasília é um ótimo lugar para se preparar. Já que há poucos serviços, as pessoas acabam estudando muito em casa. Você tem que estar afiado, porque as oportunidades são poucas e quando aparecem você precisa pegá-las. Foi o que aconteceu comigo no show do Johny Alf", comenta.

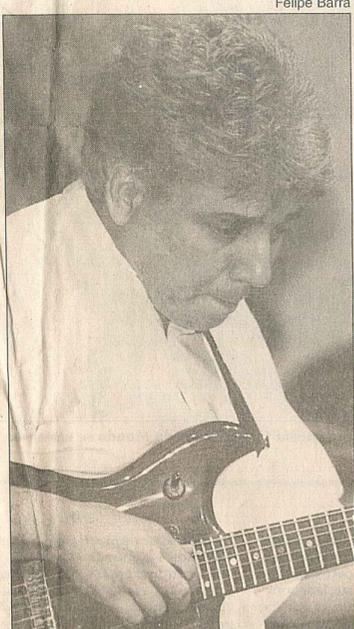
CIDADE MUSICAL

Desde os anos 80, Brasília se firmou como um pólo gerador de alguns dos maiores talentos da música instrumental do país. Alguns dos artistas que passaram pelas escolas e palcos candangos hoje possuem renome internacional, acompanhando em shows e gravações estrelas das mais variadas tendências da MPB. Veja alguns dos brasileiros ilustres que ajudam a enriquecer a produção musical brasileira.

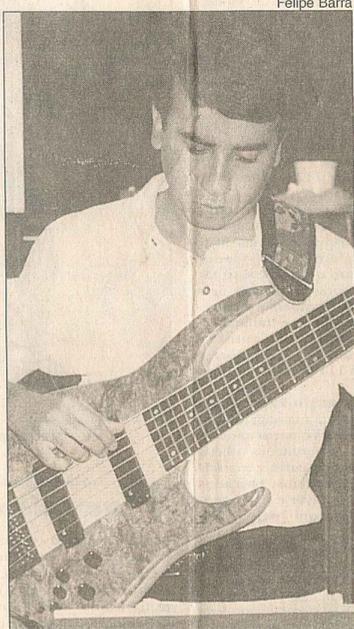
■ **Nema Antunes**- Mais um brasileiro "criado" na banda de Rosinha Passos. Baixista de suingue apurado e jazzístico, mudou-se para o Rio há alguns anos. Atua em shows e discos de artistas como a cantora Joana.

■ **Paulo André**- Professor da Escola de Música, teve entre seus alunos gente que se tornaria célebre, como Lula Galvão. Em meados dos anos 80 mudou-se para o Rio, tocando com Zélia Duncan, Sivuca e *Quarteto em Cy*. Em 87, voltou para a capital federal, onde se dedica às aulas e eventuais apresentações.

■ **Dunga**- Bai-cista brasileiro do circuito pop, acompanhou Cássia Eller quando ela ainda morava aqui. Preterido na ida desta para o Rio, mudou-se para a Cidade Maravilhosa poucos anos depois. Está para o pop como Jorge Helder para a MPB. Toca com Paulinho Moska, Lulu Santos, *Kid Abelha*, Gabriel O Pensador, Claudinho & Buchecha, entre outros.



Felipe Barra



Felipe Barra



Divulgação



Beti Niemeyer/Divulgação

■ **Lula Galvão**- Violonista brasileiro que marcou o nome no circuito jazzístico da cidade. Desde 86 acompanha Rosa Passos, que o considera o melhor do mundo. No início dos anos 90 mudou-se para o Rio de Janeiro, onde trabalha frequentemente com Guinga e Leila Pinheiro.

■ **Jorge Helder**- Mais um da safra dos bons baixistas candangos. Cearense, estudou na EMB e morou aqui de 81 a 86, quando emigrou para o Rio. Hoje é um dos músicos mais requisitados para gravações, tendo tocado com Rosa Passos, Zélia Duncan, Francis Hime, Angela Maria, Leila Pinheiro, Ed Motta, Guinga, Wagner Tiso e tantos outros.

■ **Milton Guedes**- Ex-integrante do grupo *Pôr do Sol*, saiu de Brasília com Oswaldo Montenegro. Em 88 entrou para a banda de Lulu Santos, onde permaneceu nove anos. Paralelamente à atividade de músico de estúdio, no Rio, desenvolve carreira solo como cantor.

■ **Adriano Giffoni**- Cearense de nascimento que se criou em Olinda, formou-se na Escola de Música de Brasília. Em 83, emigrou para o Rio. Já tocou com artistas como Tim Maia e Virginia Rodrigues. Gravou três CDs individuais, entre eles o excelente *Contrabaixo Brasileiro*, passeio pela fauna rítmica do país.